

## ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE É PRECISO SABER?<sup>1</sup>

Catarina Barros<sup>2</sup>

Jefferson Prado Sifuentes<sup>3</sup>

*Universidade Pitágoras Unopar – unoparvirtual@unopar.br*

### RESUMO

O presente estudo está relacionado ao ensino da língua inglesa na infância, dando destaque à importância da reflexão do educador diante de métodos, teorias, e conceitos voltados para o tema. A aprendizagem do segundo idioma na Educação Infantil exige conhecimentos teóricos para que a execução de aulas tenha sucesso. Informações a respeito da Teoria Construtivista e Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky deixarão o docente dotado de conhecimentos para uma melhor aplicação da prática e discernimento diante das relações e interações do sujeito com o meio. Com tais conceitos, o professor terá a oportunidade de desafiar o aluno de maneira apropriada, guiando-o para o acontecimento favorável da aprendizagem. Outro marco importante é o destaque dos Quatro Pilares para a Educação no século XXI, desenvolvido pela UNESCO, sendo eles: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver juntos e Aprender a ser. Esses fundamentos permitem uma análise diante da responsabilidade na formação integral do ser, sendo essas bases interligadas e por isso precisam ser trabalhadas em conjunto. É essencial o desenvolvimento de competências afetivas na relação professor-aluno, dessa forma, a afetividade torna-se indispensável e fortemente significativa a uma aprendizagem segura, sendo considerada um alicerce para conservar um bom relacionamento em sala de aula, partindo do fato de que tanto o instrutor quanto o aprendiz precisam estar expostos a um ambiente positivo e oportuno. Para a produção do artigo foram realizadas pesquisas de cunho bibliográfico em livros e na internet, tomando como base autores nacionais e internacionais.

### Palavras-Chave:

Língua Inglesa, Educação Infantil, Quatro Pilares da Educação, Afetividade.

---

<sup>1</sup> O artigo original é composto por 15 laudas, considerado parte concluinte da Especialização em Educação Infantil, aprovado pela Universidade Pitágoras Unopar (Fev/2018). O artigo sofreu redução de conteúdo adequando-se às normas de orientações técnicas para trabalhos, na modalidade Comunicação Oral, do V CONEDU.

<sup>2</sup> Professora da Língua Inglesa em escolas de idiomas, turmas criança e adolescente. Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional pelo CESMAC-AL. Especialista em Educação Infantil pela UNOPAR. Aluna do 4º período do curso de Pedagogia, oferecido pelo CESMAC. [cathbarros@hotmail.com](mailto:cathbarros@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor Doutor orientador

## 1. INTRODUÇÃO

Muitas pessoas acreditam que crianças pequenas aprendem idiomas mais facilmente e mais efetivamente do que crianças mais velhas e o ensino de línguas em escolas deve começar o mais cedo possível. [...] Precisamos explorar a aprendizagem dos pequenos educandos e encontrar a melhor maneira de ensiná-los.<sup>4</sup> (UR, 2012, p. 256-257).

O papel do docente, não é apenas limitar-se na transmissão do conhecimento que tem domínio. Ensinar uma língua estrangeira vai muito mais além do que podemos imaginar.

Sabe-se que existe diferença no aprendizado de uma criança e de um adulto. Para ensinar com sucesso uma segunda língua, é preciso ter o entendimento de habilidades e técnicas específicas que serão aplicadas no ensino do idioma, além de conceitos, metodologias e conhecimentos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo. Crianças que têm contato direto com um segundo idioma alcançam melhores resultados quando comparadas com aquelas expostas tardiamente.

Para uma língua ser considerada internacional, ela precisa ser amplamente falada e geograficamente bem distribuída (BURNS, 2012, p.15). Comunicar-se em uma língua internacional, possibilita ao falante transmitir e trocar informações sobre cultura, necessidades, desejos e muitos variados contextos.

Conhecimentos teóricos relacionados ao ensino de idiomas serão abordados de maneira sucinta, clara e direta. Essa exposição servirá de motivação e sugestão para que o professor possa aplicar teorias, métodos e abordagens em sua aula, facilitando o entendimento do aluno e gerando um ensino mais eficaz.

Ter uma visão básica de teorias Vygotskianas é de extrema importância, pois, partimos do pressuposto de que a linguagem é um sistema que requer interação social entre indivíduos e que o cognitivo está entrelaçado entre dois níveis de desenvolvimento, que foi denominado por Vygotsky como zona de desenvolvimento proximal. Este conceito relata que o aluno parte de saberes adquiridos de experiências anteriores, tendo como objetivo final atingir conhecimentos mais complexos, necessitando da assistência de um par competente entre seus pontos iniciais e concluídos.

---

<sup>4</sup> Traduzido pela autora.

Outro aspecto importante para o processo ensino-aprendizagem, e destacado neste, é a relação afetiva em sala de aula, envolvendo professor/aluno e aluno/aluno. O valor afetivo é um forte influenciador no aprendizado e tem convincente poder no direcionamento do indivíduo. De acordo com o pensamento de Oliveira (1992, p.90), “no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira”. O desenvolvimento do cognitivo está interligado diretamente com as emoções, que permite à criança alcançar níveis de evolução mais elevados (ALMEIDA, 1999, p. 51).

## **2. TEORIAS VYGOTSKYANAS E APRENDIZAGEM DO SEGUNDO IDIOMA**

A Teoria Construtivista de Vygotsky considera a criança como ser social e indica que a interação e o aprendizado cooperativo têm grande importância no desenvolvimento cognitivo. Para Oliveira, (1992, p. 24) “Vygotsky tem como um de seus pressupostos básicos a ideia de que o ser humano constitui-se enquanto tal relação com o outro social”. Sendo assim, tal afirmativa evidencia que a aprendizagem ocorre desde o nascimento, e se estende por toda a vida, uma vez que o conhecimento é construído por meio de experiências.

O ensino de um segundo idioma não se distancia dos ensinamentos deixados por Vygotsky, pois partimos do fato de que a linguagem é uma importante ferramenta e gera oportunidades de novas interações. Por meio desse contato e transmissão de diálogos, a criança aprende novos vocabulários, costumes e valores, troca experiências culturais e fortifica a construção de conceitos. Vale salientar que isso é um dos papéis principais do ensino da segunda língua, independente da idade que o aluno se encontra.

Um dos conceitos de Vygotsky, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD), também é aplicado na aprendizagem de idiomas tanto para adulto quanto para crianças.

A Zona de Desenvolvimento Proximal é enfatizada pelo autor, mencionado anteriormente, como sendo a parte do desenvolvimento que ainda não possuem funções definidas, em que é permitido a intervenção da aprendizagem. Para ele a intervenção pedagógica é essencial na produção do desenvolvimento do sujeito, é essencial ao estímulo da aprendizagem. De acordo com Cameron (2005) “a inteligência não poderia ser determinada

pelo o que a criança consegue fazer sozinha e sim pelo o que ela alcançará após receber a ajuda de outro indivíduo”<sup>5</sup>.

É preciso que o professor respeite o tempo de aprendizagem de cada educando e que não realize comparações entre o mais e o menos desenvolvido em sala, pois a ZPD, parte do pressuposto de que conhecimentos e experiências já adquiridos pelos aprendizes estão em estágios diferentes. Para Cameron (2005, p.13), “até os cinco anos de idade existirão diferentes domínios individuais da linguagem, sendo mais fácil para alguns aprender o novo vocabulário em outro idioma, além de desenvolver habilidades orais com mais aptidão”.<sup>6</sup>

Oliveira (1992, p.82) defende que as ideias de Vygotsky foram de suma importância no que se refere à internalização de linguagem. Além disso, declara que a criança utiliza a fala como instrumento de pensamento e com o intuito de expressar seus sentimentos ao meio.

É evidente que podemos utilizar esta percepção ao tratar do ensino do segundo idioma, já que a linguagem será aplicada para os mesmos fins.

### **3. OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO**

Para conhecer os quatro pilares da educação, é preciso voltar no tempo e ir até a Conferência Internacional sobre Educação para o Século XXI, desenvolvida pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, na década de 90. O objetivo desse evento foi analisar, discutir e refletir a respeito de propostas que instituísem compromissos educacionais mundiais essenciais da educação, enfatizando o desenvolvimento contínuo das novas gerações. O relatório gerido pelo presidente da comissão, *Jacques Delors*, resultou em um documento com o título original: *Learning: The treasure within*, traduzido para o português com o tema: Educação: Um tesouro a descobrir. Esse registro contém nove capítulos, sendo o Capítulo 4 destinado aos quatro pilares da educação, em que suas recomendações afirmam que: “A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.” (UNESCO, 2013, p.101).

---

<sup>5</sup> Traduzido pela autora.

<sup>6</sup> Traduzido pela autora.

Aprender a conhecer – O ser humano é naturalmente curioso, pois descobrir o mundo e desvendar seus mistérios são desafios enfrentados desde o pequeno infante até o mais experiente ancião, afinal, adquirir conhecimentos é um processo sem fim e todas as formas de experiência são enriquecedoras. Segundo Antunes (2013, p.16), o importante não é apenas despertar, mas impulsionar nos alunos sua vontade de aprender e querer saber mais e melhor. É necessário despertar o desejo de conhecer e estimular o pensamento crítico do indivíduo.

No contexto de sala de aula, cabe então ao professor orientá-la a construir seu verdadeiro modo de pensar e torná-la incansável na busca do conhecimento. Ainda de acordo com Antunes (2013, p.21), “todo verdadeiro professor é sempre um proponente de problemas e que, através de questionamentos, conduz seus alunos à solução do desafio, fazendo-os verdadeiros e ativos protagonistas”.

Esse primeiro pilar é uma vertente que resulta na obtenção do instrumento de novos conhecimentos, estimulando no aluno atenção, raciocínio lógico, dedução, compreensão, intuição e memória. Vale então salientar, que é preciso tornar apazível a manifestação da vontade de compreender ou desvendar o processo de descoberta.

Aprender a fazer – O segundo pilar da educação está relacionado ao uso de competências que abrangem o emprego mental de várias habilidades, como por exemplo, ler, calcular, interpretar, responder verbalmente, associar, analisar, relacionar, classificar, compreender, propor soluções, dentre outros (ANTUNES, 2013, p.30).

Aprender a fazer engloba colocar em prática toda teoria aprendida e agir diante de situações com o intuito de superar obstáculos defrontados. É preciso encorajar os alunos a correr riscos e instigá-los a atuar com desígnio. Diante do significado das palavras competência e habilidade, exprime-se então que:

[...] a competência é uma habilidade de ordem geral, enquanto a habilidade é uma competência de ordem particular, específica, e **conceituar competência como capacidade de mobilizar recursos mentais para encontrar soluções de problemas de diferentes naturezas**. É a maneira como articulamos nossas habilidades para alcance de um objetivo, para superar um desafio, vencer um obstáculo<sup>7</sup> (MACEDO apud ANTUNES, 2013, p.30-31).

Diante do conceito abordado, subentende-se que aprender a fazer engloba desenvolvimento ou domínio de competências que necessitam da integração de habilidades,

---

<sup>7</sup> Grifado no texto original.

conhecimentos e atitudes por parte do indivíduo. Defendemos que é papel do professor trabalhar competências e habilidades em seus alunos, transformando-os em seres pensantes, com o propósito de dar-lhes autonomia para enfrentar circunstâncias específicas de forma criativa e inovadora.

Aprender a viver juntos – O pilar subsequente diz respeito à prática do aprender a viver com os outros e abarca, portanto, amor, respeito, regras, entendimento, aceitação da diversidade, empatia, cooperação, diálogo, entre outros aspectos importantes para bom convívio. O papel do professor, familiares e afins é fundamental, pois ajudará o aluno na formação de seu comportamento, na descoberta do outro e de si mesmo. A educação tem a incumbência de ressaltar a importância da diversidade humana, fazendo o indivíduo tomar consciência das suas semelhanças e da reciprocidade (UNESCO, 2013, p.97).

É preciso ensinar desde cedo às crianças que compreender o próximo, aceitar diferenças existentes, respeitar características culturais e incluir-se parte de um todo, nos auxiliará a viver em harmonia. Antunes (2013, p.40) destaca o termo amizade e o vincula ao terceiro pilar da educação. Para o autor, “a amizade é dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor”. A convivência e o afeto pelo próximo tende a seguir paralelamente à educação.

Aprender a ser – O último pilar da educação está destinado à importância da formação do ser, da identidade pessoal.

[...] a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (UNESCO, 2013, p.99).

Diante disso, evidenciamos o quão primordial é aprontar o indivíduo para viver em sociedade, indagar o que acontece ao seu redor, conduzir-se adequadamente, pensar de maneira íntegra e crítica, efetivar relação interpessoal e desenvolver atributos de valia. Não se pode inibir e impossibilitar o potencial da criança, faz-se necessário estimular o desenvolvimento em sua totalidade, dar-lhe ferramentas essenciais para ser trabalhado o intelecto, o talento e a iniciativa.

Mediante tal esclarecimento sobre os quatro pilares da educação, há de se ressaltar que esses fundamentos precisam de atenção igualitária e nenhum deles deve ser negligenciado quando se trata da aprendizagem do indivíduo.

Educar é “preparar as crianças para uma dada sociedade [...], fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos” (UNESCO, 2013, p.100). A educação é uma tarefa gigantesca que requer sujeitos comprometidos para doar e receptor conhecimentos. Visto que, essa troca, tem duração ao longo de toda a vida, contribuindo diretamente no processo de formação do singular e da coletividade.

#### **4. FATORES AFETIVOS E SUAS INFLUÊNCIAS NA APRENDIZAGEM**

O processo ensino-aprendizagem não é, apenas, uma tarefa cognitiva. Para que as atividades se desenvolvam adequadamente, é necessário que haja um real envolvimento dos aprendizes com seus instrutores (FERNÁNDEZ, 2010, p.16).

Os valores afetivos estabelecidos com professores, e também com outros alunos, são primordiais e têm atributo imensamente positivo na educação. A demonstração de dedicação e afeição é o alicerce para conservar um bom relacionamento em sala de aula. Independente do contexto, professores de idiomas fazem grande diferença, além de terem imensa influência no desenvolvimento da segunda língua na infância. O mestre pode apoderar-se de estratégias de aprendizagem, encorajando as crianças e proporcionando um ambiente de aprendizado positivo e favorável.<sup>8</sup> (BURNS, 2012, p.106).

Quando a relação afetiva e a inteligência estão integradas, as crianças atingem níveis de evolução cada vez mais elevados. (WALLON apud ALMEIDA, 1999, p.51). É responsabilidade do professor criar um ambiente propício para que os alunos possam construir um significado do apreço e respeito diante de todos que compõem seus vínculos cotidianos. As atividades pedagógicas aplicadas devem proporcionar diálogos espontâneos, permitindo interação saudável e comunicação livre.

---

<sup>8</sup> Traduzido pela autora.

Um clima de confiança e respeito favorece a aprendizagem e isso demanda do professor um conhecimento atencioso da turma para que ele possa reconhecer cada criança como um sujeito único e especial. “Quando as pessoas importantes dizem intencionalmente palavras gentis e agem com gentileza, aumentam a probabilidade de receberem em troca comportamentos positivos” (WONG & WONG apud WALTERS, 2009, p.48). Ao nos referirmos a citação acima, nos deparamos com uma rica oportunidade de reflexão e apropriada para o profissional identificar, valorizar potencialidades e expor publicamente os pontos fortes dos alunos.

Oposto a isso, as dificuldades afetivas estimulam desadaptações escolares e indisciplina, desencadeando uma série de conflitos que podem interferir negativamente no convívio e conseqüentemente na aprendizagem. Da mesma forma que, tratar os alunos sem igualdade ou demonstrar maior respeito por um ou outro pode acarretar desafeto e conseqüentemente desinteresse pelo aprendizado. É interessante notar que, quando a afetividade não se evidencia, poderá ocorrer uma falha na transmissão de conhecimento.

## 5. A TEORIA ATRELADA À SALA DE AULA

Para ensinar um segundo idioma, é preciso que o professor esteja munido de alguns conhecimentos teóricos diante do tema, além do domínio da linguagem. Entender algumas abordagens e estudos sobre aquisição de segunda língua contribuirá para uma transmissão de conhecimento com mais precisão e eficácia.

Questionamentos sobre qual metodologia se encaixa melhor quando falamos do ensino de uma língua estrangeira ocorrem até os dias atuais. Influências e aperfeiçoamentos já ocorreram, mas sempre existirão vantagens e desvantagens na sua empregabilidade. Em razão disso, fez-se necessário o surgimento de abordagens e técnicas para complementar a metodologia e facilitar o aprendizado. Portanto, é importante esclarecer as diferenças presentes, então:

[...] existem três elementos hierárquicos na história do ensino de linguagem que são nomeados de abordagem, método e técnica. A **Abordagem** é um conjunto de concepções que ligam a natureza da linguagem, da aprendizagem e do ensino. O **Método** é descrito como um plano geral para a apresentação sistemática da linguagem com base em uma determinada



abordagem. **Técnicas** são atividades específicas realizadas em sala que estão ligadas a um determinado método que conseqüentemente está ligado a uma abordagem<sup>9</sup> (ANTHONY apud BROWN, 2000, p.14).

Com base nessas informações, está subentendido que abordagem envolve uma visão geral sobre o que se deseja ensinar e aprender em uma língua e como aplicá-la em sala. O método vem em segundo plano e é um processo que está relacionado à teoria que é colocada em prática e como o conteúdo ensinado será apresentado. Por fim, a técnica é a diversidade de atividades e estratégias aplicadas em sala de aula para atingir um objetivo no contexto pedagógico.

A aquisição de uma língua estrangeira se dá através da aplicação de determinada metodologia, que por sua vez precisa de uma abordagem e técnicas para que o aprendizado venha a acontecer. Diferentemente do aprendizado da língua materna, em que Spratt (2011, p.67) afirma que a linguagem é aprendida enquanto bebê e continua por toda infância, tendo habilidades cognitivas desenvolvidas ao mesmo tempo. O indivíduo é motivado a falar pelo simples fato de precisar comunicar-se.<sup>10</sup>

Existem diferentes teorias, métodos e materiais que são utilizados em aula de idiomas. A área do ensino de línguas estrangeiras exige adequação constante por parte do orientador, sendo necessário adaptar o desenvolvimento de práticas a partir das suas necessidades e ajustes à metodologia, caso seja permitido pela escola.

Resposta Física Total (*Total Physical Response*) – Este método é construído por atividades motoras e habilidades orais trabalhadas simultaneamente. Segundo Richards e Rodgers (2011, p.73) “o discurso direcionado para crianças pequenas é consistido primeiramente de comandos, tendo como resposta ações físicas antes de dar início à resposta verbal”<sup>11</sup>. Continuando com o pensamento desses autores, verificamos o favorecimento desse método, pois “atividade que envolve movimentos reduz o estresse, cria um ambiente positivo e facilita a aprendizagem [...] muitas estruturas gramaticais e vocabulários podem ser aprendidos por meio de comandos”<sup>12</sup> (*idem*, p.73). A compreensão auditiva é bastante desenvolvida na aplicação desse método e com a exposição frequente do idioma, o aluno internaliza e consolida as frases aplicadas.

---

<sup>9</sup> Traduzido pela autora e grifado no texto original.

<sup>10</sup> Traduzido pela autora.

<sup>11</sup> Traduzido pela autora.

<sup>12</sup> Traduzido pela autora.

Abordagem Natural (*The Natural Approach*) – Esta abordagem é também utilizada no aprendizado de idiomas de crianças pequenas, e não utiliza o recurso da língua nativa como base. A exposição ao segundo idioma é enfatizada por meio de palavras-chaves e o aluno é exposto a um período prolongado de compreensão (*input*), podendo utilizar ações como resposta. A produção oral (*output*) dá-se posteriormente, e esta por sua vez, só é realizada quando o aluno se sentir preparado para reproduzi-la.

Na fala de Richards e Rodgers, (2011, p.186), na aplicação desta abordagem existe um processo gradual de respostas curtas com o uso de sim e não, seguido de respostas contendo apenas uma palavra ou estruturas curtas que foram apresentadas e praticadas bastante anteriormente pelo professor.<sup>13</sup> Além da prática abundante de repetição de vocabulários e estruturas, recursos visuais com figuras, objetos concretos, jogos, mímicas e gestos são bastante empregados, servindo de facilitadores para uma compreensão e comunicação efetiva no idioma ensinado.

Múltiplas Inteligências (*Multiple Intelligences*) – Esta teoria é baseada nas diversas maneiras que o aluno tem de aprender, seja na educação geral ou no ensino de um idioma. Seu autor, Howard Gardner, listou oito diferentes tipos de inteligências que são: Linguística/Verbal, Lógico-Matemática, Espacial/Visual, Corporal/Cinestésica, Musical, Interpessoal, Intrapessoal e Naturalista. Para Richards e Rodgers (2011, p.117), a linguagem pode ser aprendida quando integrada com música, ação corporal, relações interpessoais, não estando limitada apenas a perspectiva linguística.

É importante esclarecer, que mesmo sendo familiar com conhecimentos teóricos, o professor precisará encontrar sua própria maneira de ensinar, tendo como base sua personalidade, princípios, valores e crenças que o guiarão no processo de ensino e formação do conceito sobre seu papel em sala de aula<sup>14</sup> (RICHARDS; FARRELL, 2011, p. 85). Cabe acrescentar ainda que, é função do professor criar uma atmosfera positiva, conduzir os alunos a atingir o objetivo da lição, encorajando-os e motivando-os a aprender de uma maneira divertida, sem tornar o ambiente estressante e desinteressante.

Para sumarizar desse tópico, seguem abaixo algumas recomendações propostas por Richards e Farrell (*idem*, p.117), para serem aplicadas em sala, servindo de complementação à metodologia, teoria ou abordagem aplicada nas aulas de idioma.

---

<sup>13</sup> Traduzido pela autora.

<sup>14</sup> Traduzido pela autora.

Crie uma atmosfera positiva em sala: tenha boa percepção ao analisar os sentimentos dos alunos diante da lição, do professor e de outros alunos.

Promova uma aprendizagem efetiva: ofereça diferentes maneiras de organização para trabalhar o ensino da classe inteira, de atividades individuais e de grupo.

Administre seu tempo: considere diferentes estratégias e mantenha um bom ritmo de aprendizado e motivação em sala.

Mantenha um bom comportamento dos alunos: trabalhe seus alunos desenvolvendo o senso de comunidade e dedicando-se para alcançar objetivos compartilhados.

Crie uma sala de aula com sensibilidade cultural: desenvolva a consciência, aceitação e respeito cultural para que os alunos possam reconhecer e concordar com diferenças.<sup>15</sup>

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse pela aquisição da segunda língua na infância está cada vez maior e sabe-se que o ensino não deverá apenas limitar-se às aulas lúdicas e prazerosas. Para Spratt (2011, p.68) não é uma tarefa fácil descrever o aprendizado do segundo idioma, pois este acontece de maneiras diversas. Outra grande diferença entre o aprendizado da língua materna e da segunda língua na infância é que a primeira é quase sempre bem sucedida, enquanto a segunda varia bastante.

A alta exigência de pais e responsáveis pede aprendizagens e propostas pedagógicas eficazes, conseqüentemente, isso demanda professores cada vez mais qualificados. Conhecimentos como a teoria construtivista e a zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky, metodologias e abordagens de ensino da segunda língua, e os quatro pilares da educação, são fontes riquíssimas que contribuem para a formação do professor e também do aprendiz. O ensino na educação infantil não se resume apenas na transmissão de conhecimentos, e sim na formação do ser humano, na interação social e na relação afetiva.

É preciso estar munido de conhecimentos teóricos para quando deparar-se com a prática de sala de aula, aplicar o procedimento adequado à turma, ao nível de desenvolvimento e às particularidades de cada criança. A experiência pode ser mais pertinente do que a teoria em alguns casos, mas é certo que o professor de idiomas necessita da combinação dos dois.

---

<sup>15</sup> Traduzido pela autora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. R.S. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP. Papyrus, 1999. – (Coleção Papyrus Educação)
- ANTUNES, C. **A prática dos quarto pilares da Educação na sala de aula**. Fascículo 17 / 3ª Edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013. – (Coleção Na Sala de Aula)
- BRONW, H. D. **Teaching by principles**: An interactive approach to language pedagogy. 2ª edição. São Francisco: Longman, 2000.
- BURNS, A.; RICHARDS, J. C. **Pedagogy and Practice in Second Language Teaching**. 1ª edição. New York: Cambridge University Press, 2012.
- CAMERON, L. **Teaching Languages to Young Learners**. 1ª edição. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (Arquivo em formato PDF).
- FERNÁNDEZ, G. E.; CALLEGARI, M. V. **Estratégias Motivacionais para Aulas Língua Estrangeira**. 1ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- LA TAILLE, Y.; DE OLIVEIRA, M. K.; DANTAS.H.; **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- PILETTI, N. **Aprendizagem**: Teoria e Prática. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2013.
- RICHARDS, J. C.; FARRELL, T. S. C. **Practice Teaching**: A Reflective Approach. 1ª edição. New York: Cambridge University Press, 2011.
- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. **Approachs and Methods in Language Teaching**. 2ª edição. New York: Cambridge University Press, 2011.
- SPRATT, M.; PULVERNESS, A.; WILLIAMS, M. **The TKT( Teaching Knowledge Test) Course**. Second Edition. UK: Cambridge University Press, 2011.
- UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacinal sobre educação para o século XXI – 8ª ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, 2013
- UR, P. **A Corse in English Language Teaching**. 2ª edição. New York: Cambridge University Press, 2012.
- WALTERS, J.; FREI, S. **Gestão do comportamento e da disciplina em sala de aula**. Tradução de Adail Sobral. 1ª edição. São Paulo: SBS Editora, 2009.